

Leite puro da montanha

No belo cenário da Mantiqueira,
a Fazenda Nata da Serra produz 1.400 litros ao dia,
que transforma em queijo, iogurte, requeijão e
manteiga. Tudo orgânico

Texto Sebastião Nascimento * Fotos Alexandre Battibugli, de Serra Negra (SP)





Schiavinato e seu rebanho de "vacas orgânicas"

Próximo de completar 50 anos de idade, Ricardo Schiavinato produz leite desde o início da década de 1990 em Serra Negra, cidade turística do interior paulista, encravada entre os montes e vales da Serra da Mantiqueira. Sua propriedade, a Nata da Serra, operava no sistema convencional, alternando lucro e prejuízo, ao sabor do sobe e desce de preços que caracteriza a atividade no Brasil. Apaixonado pela pecuária, em 2000 ele decidiu trocar o modelo e foi um dos primeiros fazendeiros a implantar a produção orgânica certificada de leite. Passou ao largo do "romantismo" que deu o tom à chegada do sistema no país. "Encarei como um desafio profissional. Pés no chão. Era uma questão de sobrevivência", diz.

Segundo Ricardo, agrônomo formado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Jaboticabal) em 1990, a exploração orgânica é mais complicada e cara do que a tradicional e erros não são tolerados, seja na alimentação das vacas, seja no manejo ou na reprodução. Em contrapartida, o mercado, além de propiciar margem gorda pelo leite e seus derivados, é bastante promissor.

Além de não utilizar fertilizantes químicos, defensivos agrícolas nem medicamentos alopáticos, a produção orgânica segue outros fundamentos: preservação da natureza, bem-estar dos animais e cumprimento da legislação trabalhista.

Dados da Organics Brasil mostram que o mercado brasileiro de produtos orgânicos cresceu 20% em 2016, com faturamento de R\$ 3 bilhões.

Essa tendência já está no radar de grandes companhias de alimentos, como a Nestlé. Maior captadora de leite do país, a empresa começou a fomentar a conversão de alguns de seus fornecedores para a produção orgânica. Por enquanto, trata-se de um projeto piloto, mas, a depender da demanda, pode ganhar escala, segundo os executivos da empresa (*confira na pág. 32*).

Referência

Encerrada a fase de transição – que foi espinhosa –, a Fazenda Nata da Serra virou referência no universo dos orgânicos e é elogiada por instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Dos iniciais 250 litros ao dia, o volume deu um salto para 1.400 litros ao dia

REBANHO



30
bezerras



30
novilhas



90
vacas

78 vacas estão em lactação e produzem uma boa média diária, entre 18 e 20 litros de leite. Algumas fêmeas produzem de 25 a 30 litros de leite diariamente



é a média diária de leite de cada vaca



CERTIFICAÇÃO

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento estabelece os procedimentos para que o leite produzido em uma propriedade seja considerado orgânico. Os procedimentos regulam a alimentação do gado, as instalações, o manejo, a sanidade e até o processamento e o empacotamento do leite. É necessária a certificação por empresas reconhecidas pelo Ministério da Agricultura. Elas conferem um selo ao produto, atestando-o como orgânico.

e é totalmente transformado em uma linha de derivados, constituída de iogurtes – natural e quatro sabores de frutas –, manteiga, requeijão e queijos dos tipos frescal, ricota, minas padrão e mussarela.

Fabricados em laticínio próprio, os produtos são ofertados e vendidos por Ricardo em feiras de orgânicos, lojas especializadas e outros pontos sofisticados. A boa rentabilidade – a margem é de 25% a 30% – facilita os investimentos no padrão genético e na alimentação do rebanho, além da estrutura da propriedade. O aprimoramento é constante.

Não só o leite e seus derivados são produzidos pelo sistema orgânico na área de 102 hectares da propriedade. Ele também cultiva tomate, berinjela, abóbora, morango e café, tudo orgânico. A Nata da Serra reserva ainda espaço ao eucalipto e à criação de peixes em três lagos: o primeiro é o berçário, que acolhe os alevinos, e os outros dois são os de engorda de pacus e carpas, negociados exclusivamente junto a afilhados da pesca esportiva.

Da área total, 60 hectares são utilizados. Os restantes 42 hectares constituem a reserva legal, o dobro dos 20% exigidos pela legislação ambiental. A reportagem de GLOBO RURAL conheceu o guanandi, primeira madeira de lei do Brasil. Do plantio até a utilização como madeira nobre para fins comerciais, transcorrem até 25 anos. "Ele foi plantado há cinco anos. O

longo tempo para o corte comprova que nosso trabalho não tem pressa. Estamos pensando nas próximas décadas", diz Ricardo.

Em 1998, a Nata da Serra já recebia a certificação orgânica de hortaliças e legumes e a credencial de fazenda agroecológica, em reconhecimento à grande diversidade da flora e fau-

na nativas, o que animou ainda mais o produtor a fazer o mesmo com o leite.

Ricardo recapitula sua vivência de produtor. Ele chegou a criar gado de corte. Não deu certo. Já a pecuária leiteira tradicional, iniciada na década de 1990, pereceu por conta da inflação, que elevava freneticamente os custos e não cobria as dívidas.

O pecuarista pensou até em desistir e vender a fazenda na hora do desespero para pagar as contas. Na produção de leite, o rebanho apresentava problemas reprodutivos, havia mortalidade alta de bezerras, doenças e alimentação de baixa qualidade. Ele conta que foi fundamental a opinião de seu pai, dentista em Serra Negra, que adquiriu a Nata da Serra, em 1988. "Ele me incentivou a não entregar os pontos, a buscar alternativas. Dizia que um investimento alto havia sido efetuado." O produtor ressalta ainda a dedicação integral, que o levou a residir na propriedade com a esposa e os dois filhos. "Sou apaixonado pela pecuária."

Mesmo após a implantação do leite orgânico, houve tempos bichudos, ocasionados pela quase inexistência de orientações técnicas. O pecuarista lembra que a atividade viveu duas fases distintas: antes e depois da entrada em cena da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos (SP). Em 2007, Ricardo Schiavinato foi até São Carlos conhecer o Projeto Balde Cheio, idealizado pelo agrônomo e professor Artur Chinelato, cujo objetivo é promover o desenvolvimento sustentável da pecuária leiteira via transferência de tecnologia e que já foi tema de reportagem da revista GLOBO RURAL. O programa revolucionou a extração do leite no país, ao inserir pequenos e médios produtores no mercado.

A importância do solo

Os técnicos do Balde Cheio visitaram a Nata da Serra, identificaram as deficiências e propuseram mudanças nas operações. Na mesma ocasião, Ricardo ficou surpreso ao constatar a produtividade de leite da Nova Zelândia, entre outros países de pecuária avançada. "Foi um baque. Os neozelandeses produziam a pasto 13.000 litros por hectare ao ano, desempenho sete ve-



Cada vaca come diariamente

25 kg
de capim



5 kg



de ração de milho moido, dependendo do período de lactação

Em algumas épocas do ano, é fornecido farelo de soja orgânico



A proporção é de **80% de milho e 20% de farelo de soja**. É fornecido ainda sal mineral de algas

Restrições e exigências

Os cuidados para garantir produtividade são os mesmos do sistema convencional, ou seja, pastos de qualidade e melhoramento genético. O que muda são as exigências para que as fazendas recebam a certificação



CRIAÇÃO

Animais devem ser tratados com homeopatia, sem antibióticos, hormônios ou vermífugos



ADUBAÇÃO

Troca dos produtos químicos por compostos orgânicos



IRRIGAÇÃO

Intensificação do uso da terra por meio de métodos mais eficientes de irrigação



PRESERVAÇÃO

Compromisso com a preservação ambiental em toda a extensão da fazenda



TRABALHO

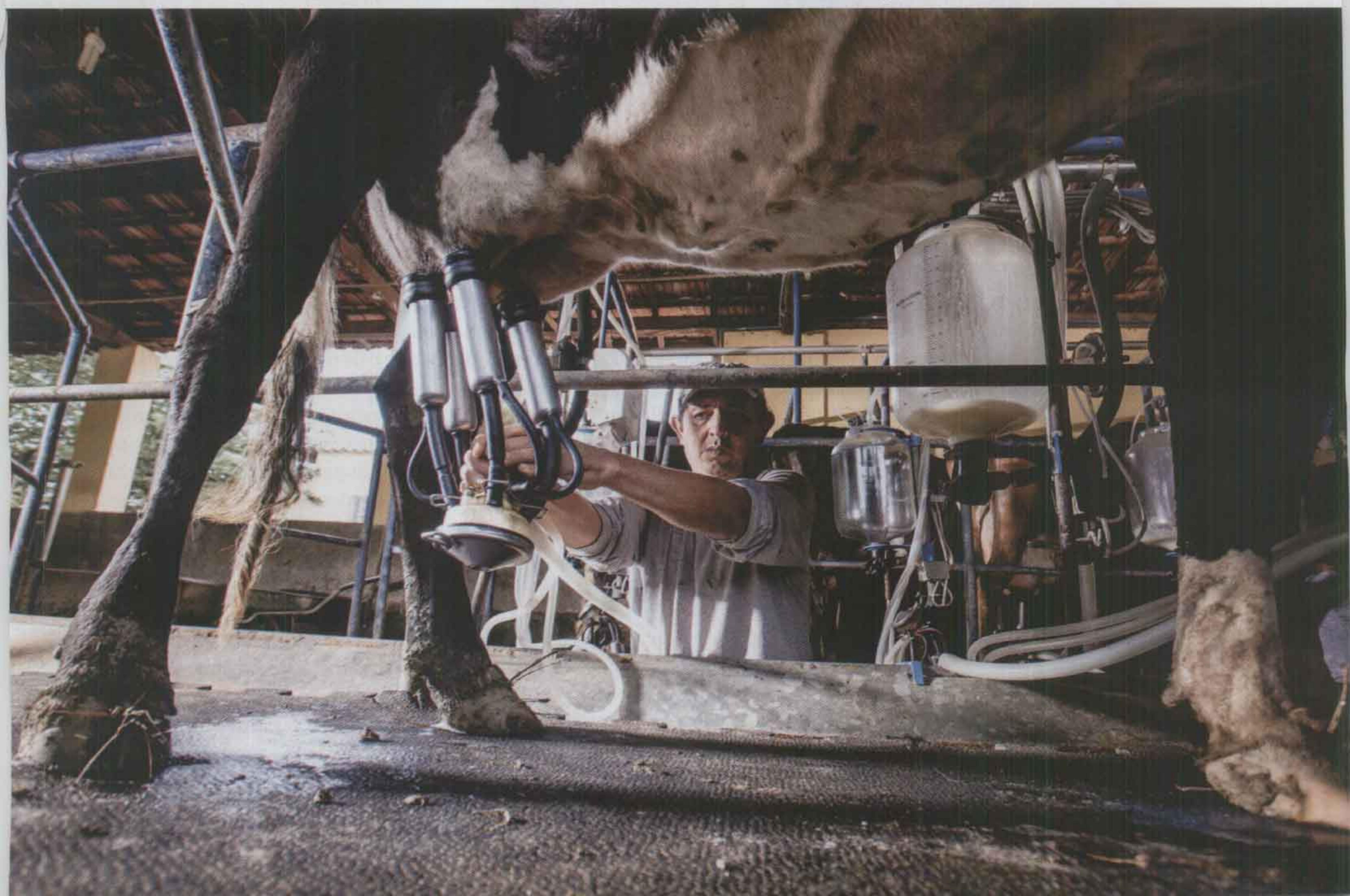
Garantia de condições adequadas aos trabalhadores, seguindo a legislação



Trabalhador pulveriza as hortaliças com calda bordalesa, um defensivo natural; os derivados produzidos no laticínio que fica na própria fazenda; abaixo, os painéis solares fotovoltaicos que garantem a autossuficiência da Nata da Serra



A FAZENDA MULTIPLICOU A PRODUTIVIDADE POR DEZ EM UMA DÉCADA COM A CRIAÇÃO A PASTO



A PECUÁRIA LEITEIRA, QUE ANTES OCUPAVA 44 HECTARES, HOJE UTILIZA APENAS 20 HECTARES



Sangue

Para chegar ao animal tricross, que predomina na Nata da Serra, foram usadas as raças suêca vermelha, jersey e holandês. O sangue do tricross ficou assim constituído: 50% sangue suêca vermelha, 25% sangue jersey e 25% holandês

zes superior ao meu. Era hora de mudar, e os especialistas da Embrapa foram fundamentais."

Ele sorri e conclui: "Fiz parceria com a Embrapa de São Carlos. Atualmente, estamos produzindo aqui quase 20.000 litros por hectare ao ano. Multiplicamos a produtividade por dez em uma década. A pasto".

Ao percorrerem a Nata da Serra, os pesquisadores da Embrapa aprovaram com louvor as experiências de produção orgânica com verduras e frutas. Não gostaram da experiência com o leite e propuseram mudanças, que foram aceitas por Ricardo.

A propriedade tinha pastos abertos sem divisão de piquetes, lembra o agrônomo André Novo, da Embrapa, que orientou os primeiros passos. O investimento foi na base do sistema de produção, que é a fertilidade do solo, tendo sido feitos análise, monitoramento dos nutrientes, recuperação de pastagem e divisão em piquetes. De um regime de semiconfinamento se partiu para a criação a pasto, com forrageiras de alta qualidade.

Ricardo recorda que o foco inicial de atuação foi no sentido de elevar a eficiência na produção de alimento de qualidade para o gado. "Iniciamos com 2,5 hectares de capim-cameroun, dividindo a pastagem em 35 piquetes e mais 1 hectare de grama-estrela. Além disso, irrigamos a pastagem nos piquetes", diz.

Para o bom manejo da pastagem, foi incluída a adubação verde, que é o plantio de leguminosas na superfície do solo a fim de enriquecê-lo. Além da adubação verde e da divisão em piquetes, árvores foram plantadas no pasto. Na sombra, o conforto dos animais aumenta. E lá o bem-estar animal é norma pétrea.

Foi fundamental o aumento da matéria orgânica no solo. Não demorou e as vacas dobraram a produção, pois dispunham de melhor comida, como também de aveia e azevém irrigados no inverno. "Tudo começa no solo. Quando bem manejado e produtivo, a possibilidade de êxito na pecuária é enorme", ressalta.

"Em síntese, nosso desafio foi trocar os métodos tradicionais, como as adubações químicas, por compostos orgânicos, e os medicamentos alopáticos por homeopáticos, mantendo sempre alta produtividade", afirma ele.

Com o sistema orgânico praticamente consolidado, a Nata da Serra tem um custo de produção

de R\$ 1,42 por litro de leite, incluída a mão de obra. O custo é menor por conta de um sistema de energia solar fotovoltaica lá instalado e que gera 5.000 kWh ao mês, o suficiente para atender o dia a dia da fazenda.

Vários especialistas na pecuária leiteira abraçam e divulgam a importância de adaptar os animais aos variados ambientes de um país continental como o Brasil. A Serra Negra corre atrás desse objetivo. Seu rebanho misturou as raças holandesa, girolando, jersey e jersolando (holandês com jersey). Finalmente, em cima do jersolando, é colocado o sangue da raça sueco-vermelha. Segundo Ricardo, o cruzamento entre as raças provoca a heterose e o produto resultante é resistente e eficiente. "Esses cruzamentos visaram eliminar o sangue zebuino do plantel. O zebu dá pouco leite", afirma.

O rebanho é formado por 30 novilhas, 30 bezerras e 90 vacas, sendo que 78 vacas estão em fase de lactação. Considerados os números, a mistura de sangue aliada ao pastejo rotacionado levou ao êxito. Hoje, mesmo no verão, a média de leite diária das 78 vacas em lactação é de 19 litros e, no inverno, vai até a 22 litros. Há fêmeas que, individualmente, dão entre 25 litros e 30 litros de leite ao dia. No passado, a média era de 7 litros ao dia, com 35 fêmeas lactantes. O leite é de alta qualidade, com contagem de células somáticas que nunca ultrapassa 300 mil/ml e contagem bacteriana sempre abaixo de 40 mil UFC/ml, um mérito para um rebanho que não utiliza antibióticos, diz o produtor.

E mais: impressiona os visitantes a taxa de ocupação, que atualmente é de seis animais por hectare. A média nacional é baixa: 0,9 animal por hectare. O meio ambiente agradece ainda o fato de a Nata da Serra utilizar somente 20 hectares com o leite. No passado, a pecuária usava 45 hectares para uma produção inferior.

Há cinco anos, a produção total de leite orgânico no Brasil era de 6,8 milhões de litros. Para ter uma ideia, o volume total de leite convencional atingia 32 bilhões de litros. Os dados são da Embrapa (DF). Já em 2015, constatou-se que o mercado de leite orgânico crescia a uma velocidade de 30% ao ano, assim como a margem de lucro aumentava em ritmo acelerado.

E a Nata da Serra é o retrato desse crescimento. Ela está produzindo perto de 504.000 litros ao ano, volume consolidado, segundo Ricardo. "Se produzíssemos três ou quatro vezes mais, tudo seria vendido", diz.

